

## **OS DOCUMENTOS E OS UTENSÍLIOS NA RECONSTRUÇÃO DAS PRÁTICAS INSTITUCIONAIS.**

Maria Cristina Menezes – FE/UNICAMP

Diante da colocação de Pierre Nora de que “(...) desde que haja rastro, distância, mediação, não estamos mais dentro da verdadeira memória, mas dentro da história (...)”, pois a memória, para o autor, se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto (Nora, 1993, p.9), se também pode-se inferir que as lembranças nos vêm na maioria das vezes quando outros a provocam, então lembrar não é reviver, mas reconstruir, repensar com imagens e idéias de hoje as experiências do passado. Essas colocações remetem a Halbwachs, para quem a memória não é sonho é trabalho, a sua construção virá de uma imagem reconstruída pelos materiais que estão agora a nossa disposição no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. Não é a introspecção, mas a casual reativação de sensações esquecidas. (Halbwachs, 1956).

Petrucci, por sua vez, aponta que a história nos ensina que não existe, nem pode existir, uma cultura escrita organizada, coerente e transmissível que não possa contar com estruturas permanentes de conservação do escrito, seja produzido ou recebido. Estas estruturas se identificam, há milênios, com aquelas que convencionalmente definimos como bibliotecas, para os livros e os produtos afins e os arquivos para os documentos e atas administrativas. Os objetos escritos dispostos fisicamente em uma determinada organização, em um lugar determinado, ali estão com base em escolhas, sejam de eleição e preservação, sejam de exclusão e de destruição física. Práticas que ocorrem cotidianamente nas instituições de memória: os arquivos, as bibliotecas e os museus. Para o autor, nenhuma sociedade culta tem consciência de que se apóia sobre uma cultura escrita fortemente selecionada, que não é completa, nem universal. (Petrucci, 1999)

Essas questões ocorreram ao grupo de pesquisadores que se dispôs a vasculhar os porões do edifício da Escola Estadual “Carlos Gomes”, denominação atual da escola mais conhecida como Escola Normal de Campinas e do sótão e outros espaços da EE Culto à Ciência, Antigo Ginásio de Campinas. Percebeu-se a possibilidade de reconstrução de alguns aspectos já esquecidos das instituições no encontro com o arquivo documental, ou arquivo

histórico das mesmas, como também do material museológico, representado sobretudo pelo mobiliário e material pedagógico de outrora.

O contato com os documentos do arquivo histórico, depositados em espaços insalubre e tidos pelas instituições como arquivo morto, elucidou para a importância de preservação da memória, quando se buscava constituir uma história.

O desprezo pela memória incorporada nos suportes antigos, contribui para o esquecimento do cotidiano vivido por inúmeras pessoas, professores, alunos, diretores, funcionários administrativos, bibliotecários, entre outros, nas instituições. Se a memória não é sonho, mas trabalho deve-se duvidar da sobrevivência do passado, tal como foi, e que se daria no inconsciente de cada sujeito. A memória, como uma imagem construída pelos materiais que estão à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual, em um movimento revelador de profissões e lugares que não mais se ocupam, vem acompanhada, não raras vezes, pelo descaso para com os materiais, suportes documentais, que ali se constituíam em livros de várias modalidades e materiais, vestígios enunciativos de práticas culturais.

É importante ressaltar que a prática administrativa passa também pela pedagógica, ela não só mantém os registros de reuniões pedagógicas e demais reuniões e organizações referentes às práticas de ensino-aprendizagem, como dá suporte às mesmas. São também nos momentos extra-classe que acontecem os planejamentos e direcionamentos do que será realizado em sala de aula e das discussões dos objetivos do ensino que ali se processam, mas os registros destas produções acabam, por vezes, esquecidos. São em listas de compras de materiais, em notas fiscais, em algumas anotações esparsas, em bilhetes deixados ao acaso entre livros e documentos, carimbos, anúncios de mobiliários e materiais escolares estampados em folhetos comerciais amarelados pelo tempo, selos de gráficas e fornecedores já inexistentes, que muitas vezes fica a sensação de práticas ensaiadas, em encomendas cujas compras nem sempre se efetivaram. Como se as expectativas e sonhos desses personagens de outrora voltassem nesses vestígios materiais.

Em dois ofícios, registrados no Livro de Correspondência da Escola Complementar, denominação da Escola Normal de Campinas de 1903 a 1911, o primeiro de janeiro de 1911 e o segundo de 25 de março de 1911, foi possível encontrar os seguintes dados:

- no primeiro ofício, dirigido ao secretário do interior, o diretor da Escola Complementar diz que remete ao mesmo duas contas relativas a objetos necessários ao laboratório da escola. Afirmava que em ofício anterior o secretário o havia autorizado a despende uma certa quantia para a aquisição de 1 mesa grande e um aparelho de química, que só havia comprado em janeiro, por achar de pouca vantagem comprá-lo no fim de ano. Pede que a despesa corra por conta da verba destinada à compra de aparelhos de física e química. (ofício de 12 de janeiro de 1911).
  
- no segundo ofício, dirigido ao mesmo secretário, diz o Diretor que havendo necessidade de comprar diversos aparelhos de física, química e história natural, para completar o pequeno aparelho da escola, pede autorização para realizar essa compra por intermédio do Sr. **Pedro Genoud**, despendendo, conforme orçamento incluso a quantia ...

A Casa Genoud foi um importante estabelecimento comercial de Campinas, do final do XIX e primeiras décadas do XX. Ela se iniciou como “Ao Monde Elegant”, mais tarde denominada Casa Genoud, com seções de livraria, papelaria, armarinhos, brinquedos, músicas e instrumentos, fábrica de caixas de papelão, perfumaria e tipografia.

Em reportagem intitulada: Influência Francesa no Comércio Local, da edição de outubro de 1968, do Correio Popular, de Campinas, localizado no acervo documental da Escola Normal, na seção que deverá constituir a hemeroteca, a Casa Genoud aparece como um dos importantes estabelecimentos comerciais da cidade, em artigo que assim se inicia: “Não deixa de ser interessante a notória influência francesa que predominou no comércio local, a partir dos meados do século passado” (correio popular, quinta-feira, 31 de outubro de 1968).

Do livro de correspondência da Escola Complementar, foi possível verificar em um outro ofício, levantado na investigação de um dos pesquisadores desse projeto, um pedido da compra de um gabinete física e de química, adquirido da Casa Genoud, que o havia solicitado à Casa Deyrolle, de Paris. Esses dados levaram à verificação dos poucos instrumentos encontrados na Escola Normal e a constatação da origem dos mesmos, que continham a placa

de Émile Deyrolle. O mesmo se deu na EE Culto à Ciência, o antigo Ginásio manteve um equipado laboratório, com muitos instrumentos científicos, ainda preservados, vestígios das antigas práticas que ali se desenvolviam. Nestes instrumentos também se pode ler a marca de seus fornecedores franceses. Enquanto na Escola Normal, só se verificou o nome de Émile Deyrolle, na EE Culto à Ciência verificou-se também várias placas com a marca Les Fils D'Émile Deyrolle. Essas informações estão sendo consideradas importantes para o rastreamento da história desses laboratórios e suas práticas. Sabemos que após a morte de Émile Deyrolle, os filhos assumem o negócio e passam a assinar os vários materiais produzidos. Isso pode auxiliar a pesquisa em datas e aquisições, mas é algo para se verificar ainda, há que se considerar também que outros fabricantes, como a Casa Rousseau, de Paris, também foram encontrados nas Escolas e no Culto à Ciência verificou-se também forte procedência alemã.

A Identificação e inventário desses instrumentos e material de ciências naturais necessitam da pesquisa, não só aos documentos administrativos, mas também aos antigos manuais, que compõem as bibliotecas históricas das instituições, como ainda aos sites de outros grupos que vêm procedendo essa prática em outros países. Os documentos estão sendo organizados e inventariados para utilização na pesquisa e disponibilização ao público, como as bibliotecas também começam a passar pelo processo de conservação e organização.

Diante da necessidade percebida de se pesquisar em sites de grupos europeus que se dedicam ao tema, como o inventário de instrumentos científicos antigos de instituições públicas, projeto coordenado por Henri Chamoux, do INRP, ( Institut National de Recherche Pédagogique) Paris/França. Trata-se de projeto de recuperação e de inventário dos materiais científicos antigos, conservados nas instituições escolares. O projeto, apoiado pelo INRP, consiste na recuperação sistemática desses aparelhos com a utilização de fotografias e da descrição museográfica completa, sobre o modelo, época e utilização do aparelho. A recuperação e identificação, bem como a utilização que se fizeram desses aparelhos, além da sua classificação de acordo com as disciplinas às quais se articulavam.

A identificação e descrição dos instrumentos científicos deverão compor um site específico, sobre a construção do qual pretende-se investir, como vêm procedendo grupos de pesquisadores franceses, italianos, espanhóis e mais recentemente os portugueses para a

divulgação dos resultados de suas pesquisas e a interlocução com outros grupos de pesquisadores.

O conjunto de informações sobre a origem material dos suportes documentais, em sua maioria livros de capa dura costurados manualmente, e dos vários materiais pedagógicos, entre os quais os instrumentos científicos, indiciam materiais produzidos para práticas previstas, como também para um público específico, produtor/reprodutor das mesmas. Esses dados devem auxiliar na pesquisa que para além da circulação enunciada dessa gama de produtos europeus, como eram utilizados nas práticas pedagógicas internas das escolas pesquisadas e o diferencial que a estas proporcionavam por possuí-los. Nas duas instituições pode-se constatar os espaços específicos para o abrigo dessas aquisições, como também a aquisição de manuais europeus, sobretudo franceses, que ao divulgarem os procedimentos e instrumentos prescreviam as práticas validadas para tal.

#### Bibliografia

FRANÇOIS, É. Os “tesouros” de Stasi ou a miragem dos arquivos. In: Boutier, J., Julia, D. Passados recompostos: campos e canteiros da história. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/FGV, 1998.

GAULIN, J-L. A ascese do texto ou o retorno às fontes. In: Boutier, J., Julia, D. Passados recompostos: campos e canteiros da história. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/FGV, 1998.

LACRUZ ALCOCER, Miguel, CASADO ROMERO, Alejandro y SARRIÓ MORAGA, Francisco. Los primeros instrumentos tecnológicos para la enseñanza. In. Etnohistoria de la escuela. XII Colóquio Nacional de Historia de la Educacion. Burgos: Universid de Burgos e Sociedade Española de Historia de la Educacion., 2003, pp. 155-167.

MENEZES, M. C., TEIXEIRA, O., SILVA, E. O arquivo escolar: lugar da memória, lugar da história. Revista Horizontes, v. 23, n.1, jan/jun. 2005, EDUSF.

MENEZES, M. C. (org) Inventário de fontes documentais. Escola Estadual Carlos Gomes (1903-1976). Campinas, 2003. (mimeo)

MENEZES, M. C. A escola e a sua materialidade: o desafio do trabalho e a necessidade da interlocução. Texto de apresentação: Pro-posições Revista Quadrimestral da Faculdade de Educação da Unicamp, v.16. n.1 (46), jan. abr. 2005, p. 13-18

NORA, P. Entre a memória e a história: a problemática dos lugares. Projeto História, São Paulo, 910), dez. 1993. p. 21-22.

NÓVOA, A. (coord.) Liceus de Portugal: histórias, arquivos, memórias. Porto/Portugal, Edições Asa, 2003.

PAULA, C. F. de. Culto à Ciencia. Monografia Histórica. Campinas, 1946.

#### Documentos

##### Manuscrito:

Registro de Correspondência da Escola Complementar – 1909- 1911

-Arquivo da EE Carlos Gomes, Campinas/SP.

Impresso:  
Correio Popular- 31 de outubro de 1968  
Hemeroteca da EE Carlos Gomes Campinas